

## **QUALIDADE DE VIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE A CIDADE DE SÃO PAULO**

**Autores: André Felipe Oliveira da Silva, Elise Eugenia da Cruz Dias, Renata Larissa Alves Soares da Silva**

**RESUMO:** Atualmente, o tema qualidade de vida tem ganhado sensível destaque na sociedade contemporânea, sendo objeto de estudo de diversas ciências (sociologia, medicina, psicologia, economia, geografia etc.). Logo, restringir o conceito de qualidade de vida a geração de riquezas e crescimento econômico, em termos de PIB, lógica amplamente difundida no modelo social vigente, não parece ser o mais adequado. Diante disso, vale destacar a cidade de São Paulo, capital do estado de São Paulo (SP), centro econômico do país, com uma lógica de urbanização extremamente danosa do ponto de vista social e ambiental. Cada vez mais motivada por uma racionalidade individualista e alienante, a cidade de São Paulo vem tecendo um cenário territorial caracterizado pela exclusão social e segregação espacial, distanciando-se cada vez mais dos elementos essenciais para existência humana, enfraquecendo um conjunto de estruturas mais solidárias e por consequência, inviabilizando as trocas sociais. Dessa forma, o presente trabalho visou refletir o conceito de qualidade de vida e sua importância para as relações em sociedade, não se restringindo ao prisma econômico/financeiro tão amplamente difundido na capital paulista.

Palavras-chave: Qualidade de vida. São Paulo. Crescimento econômico. Segregação espacial.

## **QUALITY OF LIFE: A REFLECTION ON THE CITY OF SÃO PAULO**

**ABSTRACT:** Currently, the theme of quality of life has gained considerable prominence in contemporary society, being the object of study in several sciences (sociology, medicine, psychology, economics, geography, etc.). Therefore, restricting the concept of quality of life to the generation of wealth and economic growth, in terms of GDP, a logic widespread in the current social model, does not seem to be the most adequate. Therefore, it is worth highlighting the city of São Paulo, capital of the state of São Paulo (SP), the country's economic center, with an extremely harmful urbanization logic from a social and environmental point of view. More and more motivated by an individualistic and alienating rationality, the city of São Paulo has been weaving a territorial scenario characterized by social exclusion and spatial segregation, increasingly distancing itself from the essential elements for human existence, weakening a set of more solidary and consequently, making social exchanges unfeasible. Thus, this study aimed to reflect the concept of quality of life and its importance for relationships in society, not restricted to the economic/financial prism so widely spread in the capital of São Paulo.

Keywords: Quality of life. São Paulo. Economic growth. Spatial segregation.

## **CALIDAD DE VIDA: UNA REFLEXIÓN SOBRE LA CIUDAD DE SÃO PAULO**

**RESUMEN:** En la actualidad, el tema de la calidad de vida ha ganado un considerable protagonismo en la sociedad contemporánea, siendo objeto de estudio en diversas ciencias (sociología, medicina, psicología, economía, geografía, etc.). Por tanto, restringir el concepto de calidad de vida a la generación de riqueza y crecimiento económico, en términos de PIB, lógica generalizada en el modelo social actual, no parece ser lo más adecuado. Por lo tanto, cabe destacar la ciudad de São Paulo, capital del estado de São Paulo (SP), el centro económico del país, con una lógica de urbanización extremadamente dañina desde el punto de vista social y ambiental. Cada vez más motivada por una racionalidad individualista y alienante, la ciudad de São Paulo ha ido tejiendo un escenario territorial caracterizado por la exclusión social y la segregación espacial, distanciándose cada vez más de los elementos esenciales para la existencia humana, debilitando un conjunto de formas más solidarias y en consecuencia, haciendo inviables los intercambios sociales. Así, este estudio tuvo como objetivo reflejar el concepto de calidad de vida y su importancia para las relaciones en la sociedad, no restringido al prisma económico-financiero tan extendido en la capital paulista.

Palabras clave: Calidad de vida. São Paulo. Crecimiento economico. Segregación espacial.

## **INTRODUÇÃO**

Atualmente, o tema qualidade de vida tem ganhado sensível destaque na sociedade contemporânea, sendo objeto de estudo de diversas ciências (sociologia, medicina, psicologia, economia, geografia etc.). Devido à complexidade do tema, numa perspectiva de afirmação conceitual pelas ciências que abordam a qualidade de vida, definições próprias, geralmente discordantes, foram e são fomentadas ao longo dos anos. Diante disso, estabelece-se um problema de ordem semântica, advinda, sobretudo, de definições restritivas, na construção do conceito, que buscam afirmar áreas específicas de determinadas ciências limitando a reflexão do presente tema<sup>1</sup>.

A cidade de São Paulo, capital do estado de São Paulo (SP), centro econômico do país, com uma lógica de urbanização extremamente danosa do ponto de vista social e ambiental, foi o lócus para uma análise crítica sobre o conceito de qualidade de vida, considerando para tal uma visão que não se restringe a geração de riquezas e crescimento econômico, em termos de PIB, amplamente difundida no modelo social vigente.

Vale ressaltar que nas últimas três décadas, São Paulo tem passado por uma clara mudança em seu perfil econômico, a cidade historicamente conhecida pelo forte aparato industrial, tem cada vez mais assumido um papel de cidade terciária, destacando-se como o polo de serviços e negócios mais relevante do país. Tal mudança no setor econômico não tem atenuado as contradições sociais tão particulares às grandes cidades latino-americanas.

Pelo contrário, cada vez mais, São Paulo, motivada por uma racionalidade individualista e alienante, vem tecendo, em linhas gerais, um cenário territorial caracterizado pela exclusão social e segregação espacial, distanciando-se cada vez mais dos elementos essenciais para existência humana, enfraquecendo um conjunto de estruturas mais solidárias e por consequência, inviabilizando as trocas sociais.

Dessa forma, o presente trabalho visou refletir o conceito de qualidade de vida e sua importância para as relações em sociedade, não se restringindo ao prisma econômico/financeiro tão amplamente difundido pela capital paulista.

## DESENVOLVIMENTO

### CONCEITO DE QUALIDADE DE VIDA

Para melhor compreender “qualidade de vida” se faz necessário lidar com diversos campos do conhecimento humano, considerando desde questões subjetivas, até aspectos pragmáticos, procurando evitar os reducionismos, estabelecendo entre os tais uma constante inter-relação. Contudo, especialmente, devido à ausência de consenso conceitual entre as ciências que refletem sobre essa problemática e a complexidade dos fatores envolvidos é comum abordagens reducionistas pelas mesmas, visando, basicamente, uma autoafirmação científica.<sup>1</sup> Afirmando que “a forma como é abordada [qualidade de vida] e os indicadores adotados estão diretamente ligados aos interesses científicos e políticos de cada estudo e área de investigação, bem como das possibilidades de operacionalização e avaliação”, ou seja, dependendo da área e do interesse envolvido, o conceito qualidade de vida pode ser associado a saúde, a estilo de vida, entre outros, considerando indicadores que vão desde as questões relacionadas ao acúmulo de riqueza e concentração de renda, até a satisfação com determinados aspectos de vida.

Vale ressaltar que a noção de qualidade de vida, seja pelo prisma científico, seja pelo prisma do senso comum, é inerente ao contexto histórico e a conjuntura atual das sociedades. De modo que é comum, no tempo, deparar-se com diferentes entendimentos no tocante a esse tema. Nesse processo de evolução das abordagens, considerando o contexto histórico e seus reflexos como agente de materialização espacial,<sup>2</sup> destacam que os principais estudos sobre qualidade de vida classificam-se em quatro abordagens gerais: econômica, psicológica, biomédica e geral ou holística. Na abordagem econômica, se leva em conta os indicadores socioeconômicos como principal elemento, tendo em vista que o termo se popularizou por volta dos anos 1960 quando políticos norte-americanos a utilizaram como manobra política. Já na psicologia, a qualidade de vida é considerada enquanto um aspecto subjetivo à pessoa, ou seja, busca indicadores das reações do indivíduo tendo em vista suas vivências, indicando como cada pessoa ou grupo social percebe em suas próprias vidas a existência de felicidade e satisfação. As abordagens médicas, tratam da oferta de melhorias nas condições de vida associadas às condições de saúde intrínsecas às questões sociais. Por fim, as abordagens gerais ou holísticas são baseadas na premissa da multidimensionalidade, apresentando uma organização completa

e dinâmica, onde difere de pessoa para pessoa tendo em vista o contexto no qual o ator está inserido<sup>1</sup>.

Segundo<sup>3</sup>, a qualidade de vida é uma representação social criada a partir da subjetividade que estabelece o entendimento sobre bem-estar, felicidade, realização pessoal, etc., podendo ser compreendida a partir de três abordagens: Histórica; Cultural e das Estratificações ou classes sociais. Na perspectiva histórica, o parâmetro para a definição do conceito de qualidade de vida é intrínseco à etapa histórica da sociedade, indicando que a compreensão do conceito, muito provavelmente, sofrerá alterações no tempo. Já na abordagem cultural, percebe-se que diferentes povos, por possuírem distintos valores e necessidades, desenvolvem diferentes entendimentos para a noção de qualidade de vida. Na abordagem que considera as estratificações ou classes sociais, é possível perceber que as desigualdades e heterogeneidades sociais criam padrões sociais e concepções de bem-estar extremamente diversas. Em suma, o ideal de qualidade de vida está relacionado ao bem-estar das elites em detrimento das outras classes sociais.

Vale destacar que, devido a amplitude da difusão desse conceito no dia-a-dia das sociedades e a difícil elaboração de uma definição operacional pelas ciências, há um sério risco de que essa problemática seja banalizada, dando margem à sentidos ambíguos e discursos oportunistas. Para minimizar as interpretações conflitantes, atualmente, a abordagem holística tem recebido maior atenção. Um bom exemplo disso é a sensível aceitação da definição preconizada pela OMS (Organização Mundial de Saúde).<sup>4</sup> O termo se define como um estado completo, irrestrito ao bem-estar físico, mas abrangendo também o mental e social, não sendo somente ligado à ausência de doenças. Nessa concepção, qualidade de vida, apesar de persistir possuindo múltiplos significados, reflete-se na união de conhecimentos, experiências e valores individuais e coletivos.

Devido a multiplicidade e complexidade dos agentes envolvidos, bem como o peso dado a eles pela sociedade, na formulação do conceito “qualidade de vida” é consenso que muitas opiniões divergentes aparecerão, fomentando uma infinidade de definições científicas e no senso comum, contudo, o mais adequado é ressaltar a necessidade de não cair em um reducionismo epistemológico, haja vista que essa problemática influencia diretamente o comportamento social.

Quanto a São Paulo, é relevante destacar que o status de centro econômico do país não surgiu do acaso, a conjuntura atual, que tem reforçado estruturas de poder, é (e foi)

fomentada por um conjunto de escolhas, que há anos tem sido direcionada por essas estruturas, com o intuito de manter um quadro de privilégios historicamente constituídos.

## **COMO A CIDADE DE SÃO PAULO TORNOU-SE REFERÊNCIA ECONÔMICA**

Em 1929, a crise nos Estados Unidos impactou diversas economias ao redor do globo. O Brasil não ficou de fora desse contexto, vale destacar que, no mesmo ano, as exportações de café caíram drasticamente. Em 1930, Vargas assume a presidência do Brasil, dando impulso a era industrial no país que, em uma perspectiva nacional-desenvolvimentista.<sup>5</sup> “A industrialização é apontada como um dos principais fatores para a intensificação da urbanização no país, vinculadas aos processos de expansão e concentração do capitalismo”. Nesse sentido, nas primeiras décadas do século XX, desenvolveu-se a ideia de que São Paulo não "podia parar", em detrimento da crise cafeeira, e, a partir desse fato, o processo de urbanização ocorreu de forma caótica; antes desses acontecimentos, o país era essencialmente rural pois, ainda em 1940, 69% da população vivia em áreas rurais, como consequência do auge econômico do café, que era cultivado no Sudeste, em especial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro). Com o incentivo à instalação industrial, proposta por Vargas, o êxodo rural se intensificou e, em 1960, como consequência do processo de incentivo à migração rural-urbana, o país deixa de ser considerado como “essencialmente rural” para “basicamente urbano” no espaço de tempo entre 1940 a 1970<sup>6</sup>. Visto isto, é plausível concluir que, na época, a urbanização passou a ser entendida como o fator condicional da modernização da sociedade, e a partir desse entendimento buscou-se, cada vez mais, modificar as formas produtivas, privilegiando, assim, o acúmulo de riquezas.

Em tese, o processo de formação de cidades no Brasil teve início a partir da necessidade de estabelecer-se núcleos de colonização estáveis, tanto para a fixação de colonos quanto para a defesa militar. E, só então, com o advento tardio da era industrial no país, passou-se a refletir “desenvolvimento econômico” como consequência desse processo.

Como já explicitado, São Paulo, após as primeiras décadas do século XX, passou por um intenso processo de extensão da malha urbana. Merece destacar que esse processo ocorreu tão rapidamente e tão cegamente, que, não levou em consideração a sustentabilidade e a qualidade de vida da população, nesse sentido, o meio ambiente

sofreu as marcas deixadas pelo perverso processo de “crescimento econômico”, as marcas deixadas por essas ações são refletidas até hoje na cidade de São Paulo<sup>7, 8</sup>.

Nesse contexto, é notório que a dinâmica fomentada pelo processo de urbanização e industrialização, deu margem a um conjunto de efeitos negativos interligados, de modo que se essa lógica, socialmente injusta e ecologicamente inadequada, permanece a situação das cidades que estarão destinadas seriamente ao caos. Em São Paulo, o cenário não é diferente, e essa projeção caótica ganha ainda mais força. A dinâmica desse centro urbano, através da grande concentração de pessoas e de atividades econômicas, tem exercido forte pressão nesse território e cada vez mais impactado negativamente a qualidade de vida da sociedade paulistana.

## **A INTENSA URBANIZAÇÃO E OS REFLEXOS QUE ISSO TROUXE/TRAZ PARA A CIDADE DE SÃO PAULO**

O crescimento acelerado da urbanização no país, associado a um forte crescimento demográfico, foi resultante do aumento da natalidade e da queda na taxa de mortalidade, causada por uma relativa "melhoria" na qualidade de vida da população, como também ao intenso processo de êxodo rural ocorrido ao longo da história do Brasil<sup>5</sup>. Dessa maneira, formaram-se as grandes cidades, como é o exemplo de São Paulo - SP que concentra, atualmente, uma aglomeração de edifícios, uma série de problemas ambientais e de saúde para a população, guiadas, obviamente, por uma lógica capitalista, que visa prioritariamente o lucro, desconsiderando, na maioria das vezes, as consequências desses atos. Partindo desse pressuposto, torna-se importante destacar que a dinâmica capitalista serviu como base para a formação de loteamentos sem a menor preocupação com o meio ambiente o que ocasionou uma cadeia de problemas socioambientais dentre eles destaca-se: carência de habitação, desemprego, saneamento básico inadequado, poluição da água e do solo, etc. Fatos que têm auxiliado para a degradação do meio ambiente e que destaca as desigualdades sociais<sup>9</sup>.

A América Latina, atualmente, possui uma das áreas mais urbanizadas do mundo, com quase 65% da população vivendo nas cidades, e São Paulo não tem fugido à regra, haja vista, sua malha urbana extremamente densa e complexa. Visto isto, é notória, nesta cidade, a valorização de uma lógica prioritariamente urbana em detrimento ao meio

natural, bem como às questões ambientais. Tal racionalidade além de intensificar a degradação do meio ambiente, tem maximizado a pobreza e as desigualdades e injustiças sociais<sup>10</sup>.

Quanto aos problemas socioambientais, é inerente sua relação com a perda de qualidade de vida. Em linhas gerais, esses impactos, gerados pela transformação do ambiente em decorrência de ações humanas, na maioria das vezes, equivocadas, têm pressionado e fragilizado cada vez mais o ambiente, dando margem a um cenário de relevante incoerência ambiental, caracterizado pela destruição de habitats e paisagens naturais, bem como pela má utilização dos recursos físicos, como a água, solo, etc. Nessa perspectiva, São Paulo tem, ao longo dos anos, se transformado em um dos principais focos urbanos de poluição e contaminação ambiental do país. Um bom exemplo disso, é o rio Tietê, uma das primeiras paisagens vistas por quem chega à cidade, por meio do aeroporto de Guarulhos ou pelas rodovias Anhanguera e Bandeirantes<sup>10, 11</sup>.

Na Figura 1, é possível observar o estado alarmante de poluição em que se encontra, alguns trechos do Rio Tietê. A espuma presente é resultado da poluição ocasionada pelo despejo de elementos químicos no rio. Em outras cidades do Estado de São Paulo a espuma transborda o leito do rio, e, segundo pesquisas laboratoriais da Universidade de São Caetano do Sul (SP), a espuma contém substâncias tóxicas, e, além disso, foram encontrados cinco grupos de bactérias, e uma alta concentração de metais pesados, como o manganês e o cobre, na água encoberta pela espuma<sup>12</sup>.

**Figura 01.** Trecho do Tietê que corta a cidade de São Paulo



Fonte: Folha de São Paulo, 2012.

Nitidamente, ao passo em que o sujeito urbano se vê como parte externa à natureza, há um afastamento da natureza caracterizado, especialmente, pelo desrespeito ao ambiente. Enraizado por uma noção inadequada do seu papel na natureza, o homem urbano, cada vez mais egocentrista, empreende esforços para se consolidar como um ser dominador da mesma e de todos os recursos advindos dela. Nessa perspectiva, além do predomínio do artificial, o ato de desconsiderar e procurar manipular o ambiente em prol de interesses individuais ou de certos grupos, mesmo causando severos impactos negativos, é percebido, de modo geral, como consequência natural resultante dessa noção de apropriação da natureza tão facilmente absorvida pelo homem civilizado<sup>7, 10, 13</sup>.

Outra questão de extrema relevância, nesse contexto em que qualidade de vida é associado ao padrão de vida, é que os aspectos sociais e toda problemática advinda dessa complexa relação assimétrica de poder entre as classes estão diretamente relacionados à exposição aos riscos ambientais, como resultado da degradação e escassez dos recursos naturais. Em linhas gerais, há um conjunto de infraestruturas e de condicionantes urbanos que também refletem características peculiares às relações capitalistas de exclusão/inclusão, de acesso/não acesso<sup>10</sup>.

Seguindo esse entendimento, enquanto as classes hegemônicas têm acesso a um conjunto de estruturas que lhe propicia uma melhor condição de vida, os pobres, desvalidos, em inúmeros casos, de políticas públicas efetivas, são forçados a conviver com a poluição, com um serviço de saneamento básico deficitário, etc. Considerando que já, há alguns anos, o mercado imobiliário, em São Paulo, tem ocupado um relevante papel no tocante ao setor de construção, a partir do qual o valor médio da área urbana torna-se proibitivo para uma camada expressiva da população, as camadas sociais de renda mais baixa, a princípio excluído pelos altos níveis de especulação imobiliária e pela ausência na disponibilidade de créditos e financiamentos imobiliários, tem se deslocado para terrenos periféricos, cada vez mais distantes da área central de São Paulo, ou tem ocupado as favelas, já existentes na capital paulista. Em resumo, apenas 10% dos 12 milhões de paulistanos vivem no chamado centro expandido, que oferece uma infraestrutura melhor para locomoção a pé, de bicicleta ou transporte público. Os demais 90% têm que atravessar longas distâncias dependendo de um transporte ineficaz, na maior parte dos casos, ou enfrentando engarrafamentos pesados<sup>14</sup>. Logo, as carências, reflexo das desigualdades sociais que se avolumam em São Paulo, reforçam uma situação de precariedade e de regionalização das carências, uma vez que as famílias mais socialmente

Revista Saúde e Meio Ambiente- UFMS- Campus Três Lagoas (Janeiro a Junho de 2022)-RESMA, Volume 14, número 1, 2022. Pág. 01-15

frágeis são as mais afetadas por uma somatória dos componentes da urbanização precária, ocupando áreas de/próximas a ambientes de risco tais como várzeas, córregos e lixões, e, assim, enfrentando diariamente condições que desprestigiam sua qualidade de vida no meio ambiente urbano, mesmo em nível domiciliar<sup>10</sup>.

## **SAÚDE DA POPULAÇÃO: FATORES QUE INFLUENCIAM**

Sem sombra de dúvidas, a lógica paulistana de exaltação ao urbano e a produção industrial tem prejudicado sensivelmente o ambiente e a sociedade, que, por sua vez, tem ficado cada vez mais vulnerável às doenças decorrentes das ações que privilegiam a geração de recursos e acumulação de renda. Quanto às doenças causadas por essa lógica predatória, no contexto paulistano, destacam-se as doenças advindas da poluição, bem como as patologias sociais.

Sobre a poluição da atmosfera, ressalta-se que ela é causada por agentes químicos e físicos condutores da emissão de gases e partículas que acarreta certas fontes de combustão e permitem a sua acumulação na camada atmosférica, esse processo, tem como maior agente causador, a ação do homem, por intermédio dos transportes, indústria, etc. Como a poluição do ar se dissemina mais facilmente, não somente a população emissora de poluentes será afetada, mas também áreas próximas do ponto inicial<sup>15</sup>. Gouveia *et al* (2006)<sup>16</sup> traz dados alarmantes do que diz respeito a saúde da população em detrimento da poluição do ar na cidade de São Paulo, de modo que identificou associação de material particulado inalável ao incremento de 4,6% nas internações por asma em crianças, de 4,3% por doença pulmonar obstrutiva crônica em idosos e de 1,5% por doença isquêmica do coração também em idosos.

Nesse sentido, entende-se que, a inalação de ar poluído, resulta em variados efeitos biológicos, podendo afetar o aparelho respiratório, ocasionando, não só a lesão no aparelho respiratório, mas também atingir outros órgãos através da circulação sanguínea. Vale destacar que as doenças causadas pela poluição do ar, com o passar dos anos tendem a se transformar em doenças crônicas<sup>15, 17</sup>. Dentro disso, a reflexão acerca de práticas sociais, dentro do contexto destacado pela degradação permanente do meio ambiente, dá margem a uma necessária articulação entre a importância de uma educação mais próxima da natureza, o que não existe na lógica paulistana<sup>15, 18</sup>.

Segundo a legislação brasileira, Lei 6.938/81, Art.3, III, a Política Nacional do Meio Ambiente<sup>19</sup> considera como poluição a “degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população”. Nesse sentido, engloba alguns fatores visuais e sonoros, que são caracterizados pela paisagem urbana<sup>20</sup>. Apesar de não causar doenças (diretamente), a poluição visual, é “conhecida pelo excesso de cartazes, anúncios, banners, outdoors e placas, ela é considerada totalmente insustentável para a cidade”, juntamente com a poluição visual, entra também questões de poluição sonora, que caracteriza-se por “um conjunto de barulhos emitidos por veículos – buzinas, sirenes, motores –, indústrias, casas noturnas, obras de construção civil e por vendedores ambulantes, que trabalham com a voz em alto e bom tom”, esses fatores unidos (fatores acerca de poluição atmosférica, visual e sonora), dão forma a atual cidade de São Paulo, e, nesse sentido, pelo que preconiza a Lei supracitada, a Cidade paulistana é um ambiente extremamente poluído, indo de caminho contrário ao que vigora a Lei do País.

No tocante às questões de saúde, sobretudo considerando a contemporaneidade, é importante trazer ao debate as patologias sociais e refletir que esse processo de adoecimento tem afetado a vida dos moradores das grandes cidades, em muitos casos, em proporção semelhante às doenças ditas comuns. Vale ressaltar, que se entende como patologias sociais as doenças originadas pela rotina e/ou modo (estilo) de vida da sociedade, tais como estresse, obesidade, etc<sup>21</sup>. Em suma, essas doenças estão associadas a falta de qualidade de vida, e não meramente a questões fisiológicas. São inerentes aos ambientes onde as posturas são mais agressivas, as relações humanas são enfraquecidas e as redes de comunicações e interações sociais são extremamente restritas. Pelo prisma das patologias sociais é possível refletir como a sociedade tem se comportado: se tem fomentado ambientes hostis, de extrema competição, ou se tem procurado conservar valores que privilegiam a cooperação mútua, a noção de coletividade e do bem viver. Em São Paulo, de modo geral, são tecidos ambientes competitivos, que legitimam as estruturas assimétricas de poder e as relações produtivas geradoras de riqueza.

Com inúmeras vias congestionadas, várias ilhas de calor associados a escravidão do tempo e a competitividade exacerbada, além dos impactos ambientais negativos e toda sorte de entraves sociais, dentre outras coisas, vêm tecendo um cenário extremamente preocupante, a partir do qual, a cidade de São Paulo tem se tornado, cada vez mais, um obstáculo para promoção de uma noção de qualidade de vida não restrita às questões

Revista Saúde e Meio Ambiente- UFMS- Campus Três Lagoas (Janeiro a Junho de 2022)-RESMA, Volume 14, número 1, 2022. Pág. 01-15

econômicas. Assim sendo, suas células, ou seja, os moradores da cidade, ao reproduzir, quase que inconscientemente no seu dia-a-dia, essa concepção adoecida, vêm abrindo mão de uma vida mais saudável e sustentável. Essas características que permitem São Paulo seguir na lógica de metrópole, apenas têm distanciado os seus habitantes do conceito de qualidade de vida.

## **CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

A cidade de São Paulo, sozinha, representa 11% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, e 34% do PIB do Estado de São Paulo, "Para que se tenha uma dimensão da importância econômica da capital paulista, o PIB de São Paulo equivale a 109% da soma do PIB de todas as capitais dos Estados das regiões Norte, Nordeste e Sul" <sup>22</sup>. E tal conjuntura tem reforçado a noção capitalista, produtiva, de acúmulo de riqueza, que caracteriza a sociedade paulistana. Contudo, embora apresente elevados índices de PIB e, conseqüentemente, dê retornos econômicos para o país, São Paulo vive em um constante paradoxo: crescimento econômico x desenvolvimento social. Obviamente, São Paulo consegue gerar muito dinheiro, mas essas riquezas não estão distribuídas igualmente, longe disso.

Em linhas gerais, os termos "Crescimento Econômico" e "Desenvolvimento Social" estão interligados a vários conceitos e termos, dentre os quais pode-se destacar: o acúmulo de capital, a elevação de níveis de poupança/investimentos, melhores condições de vida, baixos índices tanto de natalidade quanto de mortalidade, etc., porém, para atingir, de fato, desenvolvimento, é necessário mais que elevados níveis de crescimento econômico em termos de PIB. Nesse sentido, o desenvolvimento se trata de uma união de fatores refletidos em resultados observados a partir do comportamento de uma sociedade<sup>23, 24</sup>. Logo, para se alcançar desenvolvimento social é preciso um olhar reflexivo para as questões motivadoras das desigualdades sociais associado a políticas públicas inclusivas. Partindo desse pressuposto educação, saneamento básico, saúde de qualidade, etc., são alguns dos condicionantes que devem ser considerados sem reducionismos, com o intuito de aumentar a qualidade de vida da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se tornar o centro econômico mais importante do país, São Paulo passou (e tem passado) por uma série de modificações estruturais e institucionais que moldaram (e ainda moldam) o comportamento e a racionalidade do paulistano para reproduzir no seu cotidiano uma lógica de urbanização extremamente danosa ao ambiente. Tendo em vista que tal lógica vem acompanhada de ações que priorizam o crescimento econômico e o acúmulo de capital, e negligenciam escolhas que proporcionam um ideal de qualidade de vida preconizado por uma abordagem holística, pode-se afirmar, que a cidade de São Paulo é produto de um conjunto de escolhas direcionadas, prioritariamente, para reforçá-la, a cada dia, como centro econômico do país, sem se preocupar com o modo de vida das pessoas que nela residem. Sendo assim, mesmo obtendo, recorrentemente, altos índices de PIB, São Paulo, bem como, muitas cidades importantes na América Latina e no mundo, possui um baixo nível de desenvolvimento social, haja vista, a complexa problemática social, refletida na má distribuição espacial e de renda. Em suma, a capital paulista tem pressionado sua população, sobretudo, às classes menos abastadas, obrigando-as a sofrer com a falta de contato com a natureza, com a exposição aos altos níveis de poluição e estresse decorrente das poluições sonoras e visuais e do ritmo, extremamente acelerado, do dia-a-dia.

Logo, conclui-se que São Paulo não oferece elementos que proporcionem bem-estar físico, psicológico, emocional e social para a população paulistana, na sua completude. E, ao privilegiar a lógica capitalista globalizatória, na qual está inserida, tem deixado de lado o bem mais precioso que se tem: a vida, bem como as relações humanas e a essência natural do homem. Dessa maneira, distanciando-se e desfazendo-se de bens naturais, São Paulo - SP tem caminhado para um estado caótico no tocante ao desenvolvimento humano, e numa busca por qualidade de vida, pautada, em linhas gerais, na abordagem econômica, a sociedade paulistana, cada vez mais, perde qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

1. Pereira EF, Teixeira CS, Santos A. Qualidade de Vida: Abordagens, Conceitos e Avaliação. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.26, n.2, p. 241-50. 2012. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007>
2. Day H, Jankey SG. Lessons from the literature: toward a holistic model of quality of life. In: Renwick R, Brown I, Nagler M. (Eds.). *Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approaches, issues and applications*. Thousand Oaks: Sage, 1996.
3. Minayo MCS, Hartz ZMA, Buss PM. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100002>
4. Fleck MPA. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 33-38, 2000. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100004>
5. Santos MA. *Urbanização brasileira*. 3. ed. São Paulo. HUCITEC, 1996.
6. Furtado C. *Formação Econômica do Brasil*. 32ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
7. Forattini OP. Qualidade de Vida e Meio Urbano. A cidade de São Paulo, Brasil. *Rev. Saúde Públ., São Paulo*, 25: 75-86. 1991. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101991000200001>
8. Santiago DR. Urbanização acelerada e as questões ambientais no Brasil: Uma relação de sucesso ou fracasso? Encontro Nacional de Estudos Populacionais: População, Governança e Bem-Estar, 2014, São Pedro, SP.
9. Silva JA. *Direito Urbanístico Brasileiro*. 2ª ed. rev. At. 2ª tiragem. São Paulo Malheiros Editores, 1997.
10. Jacobi PA. Percepção dos Problemas Ambientais Urbanos em São Paulo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n.31, pp.47-56. 1993. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451993000300003>

11. BBC Brasil. *Por que São Paulo Ainda Não Conseguiu Despoluir o Rio Tietê?* BBC Brasil em São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42204606>
12. G1. *Laudo de universidade constata que espuma do rio Tietê em Salto é tóxica.* São Paulo, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/laudo-de-universidade-constata-que-espuma-do-rio-tiete-em-salto-e-toxica.ghtml>
13. Carlos AFA. A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. *Estud. av.*, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 303-314, 2009.
14. Revista Pesquisa FAPESP. *Para Tirar as Cidades do Pronto-Socorro.* São Paulo, Ed. 262, dez, 2017. Disponível em: [http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/12/018-025\\_capa\\_saude-urbana\\_262.pdf](http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/12/018-025_capa_saude-urbana_262.pdf)
15. Gomes MJM. Ambiente e pulmão. *Jornal de Pneumologia*, Brasília, v. 28, n. 5, p. 261-269, 2002. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-35862002000500004>
16. Gouveia N, Freitas CU, Martins LC, Marcílio IO. Hospitalizações por causas respiratórias e cardiovasculares associadas à contaminação atmosférica no Município de São Paulo. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.22, n.12, p.2669-77, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001200016>
17. Castro HA, Gouveia N, Escamilla-Cejudo JA. Questões Metodológicas Para a Investigação dos Efeitos da Poluição do Ar na Saúde. *Rev. Bras. Epidemiol.* Vol. 6, Nº 2, 2003. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2003000200007>
18. Jacobi, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, março, 2003. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000100008>
19. BRASIL. *Lei da Política Nacional do Meio Ambiente - Lei 6938/81.* 31 de agosto de 1981.
20. PENSAMENTO VERDE. *Entenda a Poluição Visual e Sonora.* São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/entenda-a-poluicao-visual-e-sonora/>

21. Almeida MAB, Vitagliano LF. Patologias Sociais e a Qualidade de Vida na Sociedade Moderna. *Rev. Bra. de Qualidade de Vida*. v. 01, n. 02, p. 01-07, jul/dez. 2009. Doi: [10.3895/S2175-08582009000200001](https://doi.org/10.3895/S2175-08582009000200001)
22. FECORMERCIO SP. *Aos 464 anos, São Paulo tem economia mais sólida do País*. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.fecomercio.com.br/noticia/aos-464-anos-sao-paulo-tem-economia-mais-solida-do-pais>
23. Avelar PR, Garcia EG, Santos AC. *Crescimento Econômico e Desenvolvimento Social no Brasil*. Brasília: Abres, 2012.
24. Bresser-Pereira LC. Desenvolvimento, Progresso e Crescimento Econômico. *Lua Nova*, São Paulo, 93: 33-60, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452014000300003>